

Entrevista biográfica de experiência migratória – História Oral

Projeto: Viena Latina – VIELAC¹

Data: 21.01.2025

Lugar: Österreichisches Lateinamerika-Institut

Entrevistadora: Isis Mendes [IM]

Entrevistade: Pêdra Costa [PC]

Edição: Rayen Cornejo Torres, Anderson Abreu, Isis Mendes, & Pêdra Costa

Número do Documento: Entrevista 44

Entrevista:

PC: Olá, meu nome é Pêdra Costa, sou uma pessoa não-binária. No Brasil eu sou uma pessoa branca, na Europa sou uma pessoa de cor, *"Person of Color"*. Sobre como eu cheguei até aqui, eu primeiro vim para Berlim na Alemanha em 2010. Em 2012 foi a primeira vez que eu estive na Áustria, a partir do convite de uma curadora brasileira chamada Marissa Lôbo para um evento realizado em Linz por uma organização, *maiz kultur*. Então, essa foi a primeira vez que eu conheci Viena.

Depois eu me inscrevi para estudar aqui em Viena, cheguei em 2015 para estudar na universidade de Belas Artes de Viena e fiquei até janeiro, fevereiro de 2018 quando fui para o Brasil, passei um tempo lá, depois voltei, mas quando voltei, retornei para Berlim. Nesse período, minha relação com Viena sempre foi muito presente, eu trabalhava muito em Viena. Em outubro de 2024 eu voltei para morar em Viena, mas agora eu já venho como uma pessoa brasileira-alemã, com dupla cidadania. E agora estou transferindo questões burocráticas da Alemanha para a Áustria.

¹ *Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e as opiniões expressas são as do(s) autor(es) e não refletem necessariamente a posição da União Europeia ou da Agência de Execução Europeia da Educação e da Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser tidos como responsáveis por essas opiniões. O mesmo se aplica ao consórcio Viena Latina, formado pelo Instituto Austríaco para a América Latina (LAI), pelo Wien Museum e pela Academia de Belas Artes de Viena.*

IM: Você sabe se a organização *maiz kultur* ainda existe?

PC: Existe! A tradução seria a Cultura do Milho, *maiz kultur*, do alemão para o português. Na cidade de Linz. É uma organização não-governamental que foi fundada pela sua grande maioria de mulheres brasileiras.

IM: A Áustria não foi o primeiro país que você morou na Europa, vindo do Brasil. Como você informou a sua chegada no continente Europeu foi em Berlim, na Alemanha. Você poderia falar um pouco das razões que impulsionaram a sua saída do Brasil para a Europa?

PC: Eu vim para a Europa, para Berlim com a decisão de morar. Mas o meu motivo principal não foi para ser artista, eu trabalho com arte, eu estou há 30 anos nos palcos. Para Berlim, eu vim basicamente pela comunidade *Queer internacional*, porque era uma coisa que eu buscava muito essa questão do gênero mais anarquista, mais *punk*, fora de padrões convencionais, sociais e religiosos e biológicos até. E em Berlim tinha essa efervescência, uma comunidade gigante internacional de pessoas *Queer* que encontraram refúgio nessa cidade. E quando eu conheci Berlim isso me atraiu muito e por isso eu vim morar em Berlim.

IM: Com relação a sua inserção no mercado de trabalho isso aqui na Áustria. Esse processo teve relação com uma rede de pessoas da América Latina?

PC: Sim! A primeira vez que eu vim para a Áustria foi por causa do convite da Marissa Lôbo, que é uma curadora brasileira, para um evento dessa ONG *maiz kultur*, que é fundamentalmente feita por pessoas da América Latina.

IM: Fale-me um pouco sobre os acontecimentos, as influências que te impulsionaram a imigrar para a Europa.

PC: Em Salvador, em 2005 eu conheci o termo *Queer* e a teoria *Queer*, logo comecei a pesquisar sobre isso. Então eu conheci algumas pessoas que moravam em Berlim, e soube que em Berlim tinha uma comunidade *Queer* muito grande. Mas em Salvador, comecei um projeto chamado "Solange, tô aberta!", que é um projeto de música *Queer*,

funk carioca, punk. A partir desse projeto eu fui morar no Rio de Janeiro, onde conheci uma cineasta que tinha morado muitos anos em Berlim e falou que eu tinha que levar esse projeto para Berlim. Ela disse que tinha muitas amigas brasileiras lá, que poderiam organizar uma festa para meu projeto tocar. E a partir disso eu fui com esse projeto, que foi criado em Salvador, acolhido em Salvador, que cresceu em Salvador. Depois fui morar no Rio de Janeiro e em seguida fui para Berlim. Então, eu falo que Salvador foi importante na minha vinda para morar na Europa, já que por causa desse projeto em específico, que nasceu em Salvador, um projeto soteropolitano. A Solange é soteropolitana.

IM: Já atribuíram algum estereótipo associado ao ser latino a você aqui em Viena?

PC: É interessante. Pelo que eu entendi até hoje o meu estereótipo é mais outro, associado mais um estereótipo do que chamam de terrorista. Na Europa e nos Estados Unidos quando eles te categorizam no *racial profiling*, enquanto sistema de poder, sistema de controle, nas Fronteiras a polícia nos coloca dentro de um perfil. Então, no meu caso é um perfil mais dentro de terrorista, não é de pessoa latina, digamos assim. Mas dentro das minhas comunidades as pessoas me conhecem, na minha família *Queer* as pessoas sabem que eu tenho uma forma muito característica de ser, porque também tem a cultura. Então uma pessoa que foi formada na praia, no sol, nos trópicos, com vários tipos de comidas, dentro de um país com muitas questões boas e ruins, digamos assim. Isso influencia muito na sua forma de ser no mundo. Mas o que eu já ouvi foi assim: - Ah, você é do Brasil! Então você é quente. Aí eu falei: Não! Eu sou fria, eu gosto do inverno, eu amo o inverno, odeio sol. A pessoa ficou em choque comigo, porque ele usou "quente" no sentido sexual, de querer fazer sexo com todo mundo. Mas a ginga existe pra isso, a ginga é pra dar a rasteira, sem a pessoa nem perceber. A gente faz isso, não só no físico, mas no intelectual.

IM: Por que motivos pensa que isso aconteceu com você?

PC: No Brasil em termos de estereótipos, de físico, de corpo, de cara, de cabelo a gente pode ser de qualquer lugar do mundo. E pelas minhas características físicas, nariz,

cabelo, sobrancelhas fazem parte desse perfil que a indústria do cinema norte americano criou, o perfil de terrorista.

IM: Como você caracteriza a comunidade Latina em Viena? E como você se define dentro dessa comunidade?

PC: Olha, eu acho que a questão da definição, como você falou, ou caracterização é um tema sempre muito delicado. Eu gosto muito de deixar... de ouvir dos coletivos e das pessoas suas próprias auto definições, suas próprias caracterizações. Entende!?

Como eu própria tenho uma autodefinição de gênero, a qual é muito específica e que pode estar conectada com uma realidade social ou não. Eu gosto muito da auto definição nesse sentido. Mas sim, eu faço parte de vários processos que existem, desde amizades, desde jogar tarô. Eu jogo tarô profissionalmente, então eu tenho vários clientes da América Latina, desde ir a festivais de filme, de música, de manifestações políticas na rua, de participar de exposições, de fazer co-curadoria também, então sim eu tenho muito, muito, muito interesse pelas artes, pelas manifestações políticas, culturais e artísticas, no geral sobre as comunidades latino-americanas em Viena.

IM: Sobre os perfis migratórios, você conhece a diversidade de pessoas geracionais aqui em Viena?

PC: Então eu conheci muito a partir dessa organização *maiz kultur*, a organização é em Linz mas também tem muita atuação em Viena. Ali tem uma galera que chegou há mais de 30 anos atrás e pelo que eu entendi são pessoas que eram militantes contra a ditadura militar no Brasil, então meio que vieram fugidas da perseguição e da morte, tortura, desse sistema que tinha na época.

IM: Você conhece pessoas LGBTQIAPN+ que saíram da América Latina por sentirem suas vidas ameaçadas?

PC: Sim, eu conheço pessoas LGBTQIAPN+ da América Latina que precisaram sair de seus países porque se sentiam ameaçadas. Mas é porque assim, acho que tem dois tipos de leis. Tem a lei oficial, como acontece no continente africano. E no latino-americano não

tem, pelo que eu conheço, eu posso estar errada, mas não tem nenhuma lei que pune você. É mais a lei cultural, que é uma lei religiosa, uma lei colonial, a lei binária, não conectada com as expressões de gênero que existiam antes da colonização, a partir dos povos originários, das comunidades indígenas que geralmente eram mais de dois gêneros. Essa lei cultural colonial é que dá o veredito de quem deve morrer, de quem deve viver e quem deve ter uma vida confortável, quem deve ter uma vida difícil, quem é pra casar, quem é só para fazer sexo, quem pode ter acesso aos cuidados médicos, quem não pode. Tudo isso é uma lei cultural. Ela não está na lei oficial, mas ela acontece no dia a dia. Sim! Eu conheço pessoas da América Latina que chegaram aqui fugindo dessas leis culturais, dessa opressão cultural. Eles não são refugiados porque a lei no país oficialmente não proibiu ele de ser uma pessoa *Queer*, não proíbe ele de ser uma pessoa LGBTQIAPN+, mas mesmo assim essa pessoa sentiu a vida dela ameaçada lá. No Brasil a minha vida recebeu ameaças de morte. Começou dentro da família. Meu pai tentou me matar com uma arma de fogo, com um revólver. É uma fuga de uma realidade de opressão. Outras pessoas *Queer* da América Latina também compartilham de uma história parecida. Isso é muito de uma cultura. E essa cultura é uma cultura colonial, e essa cultura colonial é uma cultura religiosa, dentro de uma religião específica, dentro de uma instituição específica. Eu acho que a religião é uma outra coisa, mas nesse caso eu chamo de instituição porque é uma instituição que, inclusive, comporta muitas violências. A instituição religiosa que atuava junto com os reis, que atuava junto com a colonização, e que atua até hoje, promovendo a falta de acesso das pessoas *Queer* na América Latina a tudo, à família, casa, dinheiro, ao trabalho, a uma boa vida, aos estudos, ao acesso a modificações corporais se precisar (se quiser) acesso ao sistema médico como um todo, etc, por causa justamente desse legado colonial que surgiu no continente europeu. Então não tem como fugir, não é sobre fugir de um continente para outro que fundou isso. Não faz muito sentido se a gente pensar mais profundamente. Então, qual o espaço no mundo que não está influenciado por esse discurso? Um discurso invisível, mas que se manifesta quando alguém tenta parar sua vida. É quando você entende que esse discurso é real e que ele é fatal. E para além disso, tem a história da ditadura militar que

fez realmente muitas famílias migrarem para Viena. A gente tem muitas pessoas que migraram para cá por causa das ditaduras militares na América Latina. Eu vejo ditaduras militares como um projeto político também que por um tempo serviu àquele momento. Atualmente a gente tem outros tipos de ditaduras, que são mais invisíveis, que “emburrecem” as pessoas, “emburrecem” a sociedade.

IM: Conhece espaços, grupos latinos que contribuem com a gastronomia, com arte, com a performance, com a representação cultural da América Latina aqui em Viena?

PC: Quando eu cheguei aqui em 2015 para morar, então eu vou viver a cidade, viver o dia a dia. Quando você está há mais de 6 meses na cidade, você se torna uma pessoa em comunhão com a cidade. Você não é mais turista, você não está passeando. Porque como eu viajo muito por causa do meu trabalho, eu fico uma semana, um mês em um lugar, não dá para viver realmente a profundidade da cidade, político, cultural. Quando eu vim morar aqui, na época, ao menos no meu círculo de amizades, não havia quase nenhum grupo organizados em coletivos e de atuação política, social e nas artes latinas aqui em Viena. Eu conhecia pessoas mas eu não conhecia grupos. Então eu conheci o grupo TRENZA e logo depois eu fui embora. Quando eu voltei já existiam várias outras comunidades, que eu falo em termos de coletivo, fazendo alguma coisa juntos. Acho que o próprio Viena Latina é um projeto que é o resultado de organizações de pessoas para criar, para trazer essa coisa que eu chamo de festividade. Porque para mim a festa é uma representação da cultura de uma forma alegre. A festa, a festividade ela faz muito parte inclusive das manifestações políticas dos grupos latino-americanos aqui em Viena. Agora tem vários grupos, em um período de alguns anos muita coisa mudou aqui nesse sentido. Acho extremamente importante para mim que tenha por exemplo um supermercado como o PROSI [importadora de alimentos em Viena], onde a gente encontra comidas do Brasil, da América Latina, que a gente pode ir lá e comprar coisas que a gente costuma comer no Brasil. Eu acho super importante que tenham essas conexões todas, porque se não fica só uma história, história da arte, uma história branca, uma história rica, uma história intelectual, uma história do norte global. Então eu acho

que tem que haver sim o que eu gosto de chamar de contaminação, porque toda a relação ela deve ser uma via de mão dupla. Toda relação tem que vir de mim para outra pessoa e da outra pessoa para mim.

IM: Você falou de um grupo acho que é um coletivo chamado Coletivo TRENZA. Você participou, fez parte desse coletivo?

PC: Não! Eu não fiz parte desse coletivo. São minhas amigas, um coletivo de mulheres latino-americanas, de mulheres que a gente chama *Femme*, que são pessoas femininas. O grupo atuou por um tempo, mas depois se separaram e então essas próprias pessoas fundaram outros coletivos, fundaram novos coletivos. Em 2016 eu participei de uma exposição que se chamou: "Anti*Colonial Fantasies - Decolonial Strategies", que tinham pessoas basicamente não brancas do sul global. Em 2017 publicaram o livro dessa exposição, e depois disso algumas pessoas que se juntaram nesse projeto e criaram o TRENZA.

IM: Você enfrenta dificuldades de comunicação aqui em Viena por causa do idioma Alemão?

PC: Passo dificuldades de comunicação por causa da língua alemã sim. A formalidade da língua. Eu tenho várias críticas em relação a isso, mas não às pessoas que aprendem ou não a língua, acho que todas as pessoas podem aprender ou não, elas têm o direito de viver em qualquer cidade. Isso é o que eu penso. A questão da língua alemã é uma questão, no meu caso, muito pessoal mesmo. Eu tive várias oportunidades de aprender alemão e realmente não aprendi, mas eu ainda não desisti, então eu acho que é um processo. Quando eu entendi que pessoas que falavam muito bem alemão, pessoas da América Latina – vivendo em países brancos europeus como Alemanha e Áustria, mas tinham subempregos e que nunca conseguiram ser aquilo que eram nos seus países. Ou seja, que sempre tinham trabalhos menos valorizados. Por exemplo, uma pessoa que era professora universitária na América Latina e chega aqui vai trabalhar na cozinha. Pessoas que estudaram alemão na universidade, falando alemão universitário, acadêmico e mesmo assim essas pessoas não conseguiram uma boa posição profissional, eu entendi

que não é questão de língua. Inclusive uma pessoa de Portugal me perguntou como eu quero viver aqui se eu não falo alemão. Mas apesar de eu não falar alemão, eu trabalho com a minha própria arte. Então existem essas diferenças. Entende? Cada história é uma história muito específica.

Tem outra questão da língua aqui. No Brasil, por exemplo, eu estudei antropologia, estudei a cultura em sociedade a partir das religiões, muito a partir das artes, das organizações dos graus de parentesco, família, etc. No Brasil a gente vê que muitas pessoas chegam, pelo menos na época que eu vivia lá, e não falam português e as pessoas da minha comunidade não falavam outras línguas, mas a gente se comunicava muito bem, a gente sempre soube se comunicar muito bem, mesmo não falando a língua. E quando eu chego aqui eu vejo que as pessoas daqui não se comunicam se você não fala a língua falada, a língua oral. Isso para mim foi muito estranho. Entendo que para as pessoas daqui a fala e a língua são uma questão muito racional e não é uma questão do corpo, uma linguagem corporal. Mesmo que eu não falasse a língua da pessoa quando eu estava no Brasil, eu sabia como explicar corporalmente o que a pessoa queria e, pela necessidade da pessoa precisar de uma informação, ela acabava entendendo através do corpo. Aqui não existe isso, não existe essa forma de comunicação corporal. Isso dificulta porque a pessoa está falando em alemão e você está prestando atenção na cara dessa pessoa, mas você não identifica essa fala nas expressões do corpo, por exemplo, se essa pessoa está alegre, está triste, empolgada ou se está com raiva. Você não entende o que ela quer comunicar. Não existe um afeto pela comunicação. Na verdade eu acho que língua é uma coisa, comunicação é outra. Me comunicar? Eu me comunico extremamente bem. Independente da língua que esteja ali, eu posso me comunicar. Nós somos especialistas em comunicação, em ler corpo, ler as intenções.

IM: Você sente que Viena é uma cidade aberta ao imigrante da América Latina?

PC: Antes da imigração, antes da pessoa se tornar imigrante, vamos usar a famosa frase: “não se nasce imigrante, se torna imigrante”. Tem várias questões deste tornar-se

imigrante. Eu acho que a grande questão que a gente tem que pontuar e falar sempre, é a questão da classe social. Se você é uma pessoa rica, ou como se usa muito atualmente no Brasil, de uma família herdeira, o processo para esses herdeiros, essas herdeiras, essas pessoas que vêm dessas famílias, elas vão ter acesso a qualquer lugar do mundo porque tem dinheiro. Mesmo que elas sejam chamadas de imigrantes pelo seu perfil racial, por não apresentar um perfil físico de uma pessoa branca do norte europeu, mas ela tem dinheiro, ela tem advogados, ela tem acesso às cidades e aos espaços. Então, tem o imigrante e tem o que se chama de *expat*, o expatriado, pessoas que saem de uma pátria para ir para outra. Tipo uma pessoa dos Estados Unidos que mora na Áustria é um expatriado, não é imigrante. Mas uma pessoa que é do Brasil que vem para a Áustria é imigrante. É uma questão muito de classe social, de nomenclatura, de denominações, de definições, mas que passa muito pela classe social. Claro que tem outras questões que não só a questão da classe social, mas muita coisa passa pela classe social. Então, eu acho que depende. No meu caso, especificamente, eu vim com duas malas, 3 mil euros, 3 meses para ficar como turista, falando só o português do Brasil e um desejo.

IM: E a comunidade *Queer* em Viena, como ela recebe as pessoas?

PC: É diferente porque a questão *Queer* não é só uma questão de gênero, não é só com quem eu me deito, não é só a forma como eu gozo, não é só a forma como eu me apresento ao mundo, como eu me apresento ao mundo ou meu anti-gênero ao mundo. Para mim a questão *Queer* ela é muito mais ampla, ela é uma crítica diária, uma crítica incorporada, uma crítica prática, ou seja, ela é vivida na pele todos os dias, é uma transformação do mundo. Essa transformação ela passa principalmente pelo gênero, pelas sexualidades, claro, mas por outras questões também. Por todas essas questões de racismo, discriminação, de perfis raciais, de gordofobia, de etarismo, de classe social, de status social, de quem tem o trabalho que ganha muito bem, de quem trabalha no subemprego, de quem tem acesso ou não a estudar em uma universidade, etc. Então, a questão *Queer* para mim ela é muito ampla. Para mim são pessoas que têm um processo de ajuda mútua muito intenso, muito forte. Imigrantes e comunidades *Queer* são duas

comunidades que foram fundamentais para eu chegar e me manter na Europa. Foram pessoas do Brasil, depois pessoas da América Latina e comunidades *Queer*.

IM: Para finalizarmos o assunto sobre a sua experiência imigratória, fale-nos um pouco de como você se sente aqui em Viena?

PC: É interessante porque eu fui para Berlim por causa das comunidades *Queer*, para ter essa experiência de morar em outro país, de aprender outras línguas, etc. Obviamente aquela coisa de ter uma vida melhor ou ter acessos, mas inicialmente foi pela comunidade *Queer*. Isso foi meu desejo de morar em Berlim. Meu desejo de morar em Viena já foi diferente, já passava pelo trabalho, pelos estudos e pelo processo profissional. Berlim era uma história de outros desejos, digamos assim, desejos que são da pele. Viena são desejos profissionais. As minhas duas chegadas, tanto em Berlim, quanto em Viena, se deram de forma diferente, elas se deram por buscas de coisas diferentes. Uma experiência significativa para mim na Europa é que desde quando eu conheci Viena, eu acabei vivendo muito entre Berlim-Viena. Agora que eu decidi morar em Viena de novo, eu acho que para mim o que foi fundamental entre a primeira vez que eu morei aqui e que eu era estudante do Brasil na universidade, e hoje eu sou uma pessoa com cidadania alemã. E isso é muito diferente, a experiência de ter a cidadania, de ter os papéis ela muda muito as oportunidades, as portas abertas ou fechadas, tudo se torna muito mais tranquilo em termos de burocracia, porque até hoje eu tenho um trauma e eu não conheço uma pessoa imigrante que seja do meu círculo que não tenha trauma quando recebe uma carta do governo eu não conheço nenhuma. Que fale alemão, que não fale alemão, quem recebe uma carta do governo, antes de abrir já está "morrendo do coração". Até hoje, mesmo com a cidadania alemã, eu nunca imagino que é só uma carta pra me informar alguma coisa. Eu sempre acho que é uma carta que vai trazer alguma coisa que eu fiz de errado e que eu tenho que pagar por isso. Então, eu acho que essa questão de eu ter batalhado e conseguido a cidadania alemã ela mudou muito e ainda está mudando minha experiência aqui. Vão fazer 5 anos que tenho a cidadania alemã, mas eu ainda estou no processo de me adaptar, de me readaptar a

partir de um ponto de vista de que “agora eu faço parte da união européia”, e agora eu posso morar, viver e trabalhar em qualquer lugar e ter acesso às coisas que antigamente eu não tinha.

IM: Tem mais alguma coisa que você gostaria de refletir aqui antes da gente encerrar?

PC: Eu acho muito importante ter coletivos identitários. A gente está vivendo um momento na sociedade contemporânea, graças aos Movimentos Negros no mundo, movimentos do sul global e de Comunidades Indígenas. Falo de movimentos políticos que nos deram o conhecimento e o reconhecimento das identidades políticas e identidades contemporâneas que tem se abrangido muito mais, se expandido muito mais. E eu acho que a própria questão da Viena Latina e de todos os coletivos e grupos que existem em 2025 em Viena são muito mais do que existia há 10 anos atrás em 2015 quando eu cheguei aqui, isso faz muito parte desses últimos 10 anos de estudo, de estar junto pra pensar as sociedades, pensar as imigrações, pensar a si mesma a partir de outros pontos de vistas. O que eu acredito é que eu nunca vou ser austríaca, eu nunca vou deixar de ser brasileira, mas ao mesmo tempo eu nunca mais vou ser brasileira.

IM: Ao estar fora do Brasil, como você passou a estar mais atenta aos aspectos políticos, culturais e artísticos desse país?

PC: Para mim não mudou porque eu já tinha essa mentalidade crítica no Brasil. Então, quando o povo lá do Brasil coloca as pessoas da Europa, do norte global, turistas que vão ao Brasil, nesse lugar de “oh, meu Deus! essas são pessoas incríveis”. Eu nunca achei isso! Eu sempre achei que o turismo era um turismo muito voltado ao turismo sexual, ao turismo exploratório, ao turismo extrativista, ao turismo extremamente colonial. Essas pessoas viam as cidades em que a gente morava, que a gente construiu nossas vidas, nossas famílias, onde tínhamos nossa vida como “O Jardim do Éden” deles, que eles poderiam fazer sexo com quem eles quisessem, que eles poderiam ter acesso a qualquer tipo de droga, que eles poderiam fazer qualquer coisa sem ser penalizado judicialmente. Eu sempre achei isso extremamente pesado. Eu fui punk, filho de militar, que era um apoiador da ditadura militar, então eu nunca tive muito tempo pra ilusão. Eu nunca tive

muito tempo para ficar de brincadeira em relação à vida das pessoas. Eu acho que é muito importante a vida das pessoas, mais do que qualquer identificação mais do que qualquer situação.

Eu já cheguei aqui sabendo, já cheguei sabendo, já cheguei aqui compreendendo o valor da comida, o valor da arte e o valor da música brasileira. Eu estudei muito a época da ditadura militar, era censura nas artes, então o grau de sofisticação, de inteligência dos artistas para publicar seus trabalhos era gigante. Eu já entendia essa potência. Eu gostava muito dos trabalhos que não estavam na grande mídia, como por exemplo o baile *funk*, o *funk* carioca, que é a primeira música eletrônica do Brasil e que por anos foi totalmente discriminada. Ou mesmo os espaços de religiões Afro, Afro-brasileira, Afro Indígena que salvaram nossos antepassados. Tudo isso para mim sempre foi muito claro.

(Agradecemos esta entrevista e esse diálogo.)

